



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

EDITORIAL

Para Peter Theodore Nash (1953-2019), in memoriam

Rudolf von Sinner

Apresentamos às nossas leitoras e aos nossos leitores a primeira edição dos Estudos Teológicos de 2019, 59º da revista. À alegria pela publicação mistura-se, mais uma vez, a tristeza por uma grande perda. Dedicamos este número à memória do Prof. Dr. Peter Theodore Nash (1953-2019), que veio a falecer em 15 de abril deste ano. Peter atuou na Faculdades EST entre 1996 e 2003. Nascido em Saginaw, Michigan, Estados Unidos da América, de família simples, chegou a conquistar graduação em Línguas Mediterrâneas, Grego e Hebraico (Concordia Senior College, 1975), mestrado em Teologia (Princeton Theological Seminary, 1979) e doutorado em Filosofia (Department of Near Eastern Languages and Civilizations, University of Chicago, 1992). De 1984 a 1995, foi professor de Hebraico e Antigo Testamento no Garrett Evangelical Theological Seminary em Evanston, Illinois. Na EST, atuou como professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas. Foi coordenador de pesquisa para “Negritude na Bíblia e na Igreja” e fundou o Grupo “Identidade”, com sua revista de igual nome; ambos existem até hoje. Nas suas palavras, considerou assim seu chamado: “Eu sou a história de dois bispos marrons, Herzfeldt e Malpica [da Igreja Evangélica Luterana na América – ELCA], que conspiraram para enviar um terceiro homem marron para a igreja luterana mais branca nas Américas”. Nisso, ajudou em muito para que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, por meio de um dos seus centros de formação, abrisse as suas portas para a sociedade brasileira mais ampla, especialmente quanto à população afro-descendente. De volta ao seu país natal, assumiu docência como professor de Religião no *Wartburg College* em Waverly, Iowa, ocupando a cátedra Franklin I. e Irene Saemann em *World Communities* (comunidades do mundo). Serviu, ao mesmo tempo, como assistente da presidência da Faculdade para Diversidade e Inclusão e diretor do Programa de Ações Afirmativas, sendo um incansável advogado pela diversidade e inclusão no campus, na igreja e na vida em geral. Aposentou-se em 2016, quando também recebeu o título de doutor *honoris causa* da Faculdades EST, por sua atuação e dedicação à missão de abrir as portas da EST e das igrejas luteranas para outras etnias, bem como seu trabalho de releitura da Bíblia sob a ótica da negritude. Tinha mantido contato sempre com a EST e veio visitá-la várias vezes com grupos de estudantes. Autor de numerosos artigos e vários livros, organizou importantes conferências e foi professor visitante na África

do Sul, na Alemanha, em Israel, na Noruega e em Simbábue, entre outras. Peter deixa enlutada sua esposa Jette Irgens, que também foi estudante na Faculdades EST, a filha Carrie, dois filhos, Theo e Simon, e um enteado, Tobias, além de outros familiares, amigos e amigas, a quem expressamos nossos sentimentos. A revista Estudos Teológicos, na qual Peter publicou dois artigos muito significativos sobre “Hermenêutica Negra nos Estados Unidos” (2000) e o “Papel dos Africanos Negros na História do Povo de Deus” (2002), honrará, sempre, sua memória.

O dossiê da presente edição trata de “Religião e violência”. Mais do que em guerras histórica ou geograficamente longínquas, focamos na violência cotidiana. E faz parte do nosso cotidiano no Brasil a violência letal. Ela ameaça a todas e todos, mas atinge de modo muito predominante as pessoas afro-descendentes, jovens e pobres. O Brasil, em 2017, registrou mais de 65 mil homicídios. Na Alemanha, no mesmo período, ocorreram pouco mais de 700 homicídios. Enquanto a média mundial está por volta de seis homicídios por 100 mil habitantes, no Brasil são 31,5. Cruzando esses dados com o também fato de uma população que se diz, em sua esmagadora maioria, cristã, surge a pergunta: em que medida a religião reforça e/ou restringe a violência, especialmente a cotidiana e letal? Ao redor dessa questão conseguimos reunir dez textos de pesquisadoras e pesquisadores de várias instituições no Brasil e no exterior, tanto teólogos e teólogas como cientistas da religião, alguns com qualificações ainda em outras áreas do conhecimento.

Em seu artigo **Crise mimética e vítima sacrificial. Contribuição de René Girard para as teorias da religião**, Frederico Pieper (Universidade Federal de Juiz de Fora) aborda a ambiguidade da religião em relação à violência a partir da teoria de René Girard sobre a violência sacrificial. Trata-se de um questionamento oportuno que quer ficar longe das simplificações que afirmam que a religião, especialmente a monoteísta, seria intrinsecamente violenta, ou, do lado contrário, que a religião seria intrinsecamente fomentadora da paz. Paradoxalmente, na esteira da compreensão de Girard em continuação a Durkheim, a religião pode ser vista como violenta justamente porque busca a paz por meio da violência sacrificial; enquanto busca moderar a violência, utiliza-a para evitar desagregação e garantir coesão social.

A seguir, Abdruschin Schaeffer Rocha e Wanderley Pereira da Rosa (Faculdade Unida de Vitória) abordam o relacionamento entre **Religião e violência nos limites da experiência humana: um diálogo com Edward Schillebeeckx**. Os autores questionam um essencialismo que acaba afirmando que sem a violência não haveria religião e sem religião não haveria violência, recorrendo ao teólogo dominicano belga Schillebeeckx, para quem religião é a forma institucional, mediatizada, da salvação, inserida na história e por ela condicionada. Desta forma, embora possa haver violência em nome da religião, por meio de sua mediação sociocultural, essa não é essencialmente má nem essencialmente libertadora – embora a libertação de todas e todas possa ser identificada como desejo do Cristo.

O terceiro artigo, da autoria de Ellton Luis Sbardella e Clélia Peretti (Pontifícia Universidade Católica do Paraná), volta a René Girard sob o título de **Cristianismo e violência. Contribuições teológicas a partir de René Girard**. Os autores enfatizam que Girard percebe os profetas como agentes de denúncia de violência e Jesus Cristo

como realização plena da quebra do ciclo mimético da violência. Para Girard, a marca fundante do cristianismo é a superação da violência, escancarada e denunciada na cruz. Enquanto nos mitos a violência é escondida, na Escritura ela é evidenciada e denunciada na inocência da vítima. Assim sendo, concluem os autores, a tarefa das pessoas cristãs é a defesa incondicional das vítimas.

O artigo de Elisa Rodrigues (Universidade Federal de Juiz de Fora) aborda **Religião e violência: uma leitura fenomenológica**. Recorrendo, entre outras, à fenomenologia da religião do alemão Joachim Wach, busca compreender e problematizar a relação entre mitos judaicos e cristãos e a violência que retratam, linguagem bélica essa que se reflete em hinos e textos beligerantes de muitas comunidades religiosas brasileiras de hoje, especialmente do segmento (neo)pentecostal. Ressalta a autora que a separação entre privado e público e a repetida invocação do “estado laico”, em nosso contexto, não resolve e até cega os olhos diante da real influência pública das comunidades religiosas. Configura-se como perigo para a convivência na sociedade a evidente procura não apenas da vitória sobre opiniões contrárias, mas da dissuasão e desvalidação dessas, demonstrando incapacidade de suportar qualquer ambiguidade ou ambivalência.

O texto seguinte, da autoria de Katiuska Florencia Serafin Nieves e Carolina Telles Lemos (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), intitulado **Religião como oferta de sentido em casos de violência**, muda de chave de leitura ao partir de um caso empírico, a história de vida do sujeito denominado **A**, uma mulher de aproximadamente 60 anos de idade, negra, pobre, filha de migrantes baianos, criada e residente no interior do estado de Goiás, no município de Itaberaí. Esse município tem sofrido forte aumento da violência letal, num estado cuja taxa de homicídios pulou de 26,1 para 45,3 por 100 mil habitantes. O próprio filho do sujeito **A** matou o esposo dela, como disse, por vingança à violência que a mãe teria sofrido pela mão do padrasto, fato esse confirmado por ela. Dona **A**, tendo perdido as duas pessoas de referência, chegou a pensar em suicídio, mas acabou não consumando o ato por pensar “muito em Deus”, ser devota do Divino Pai Eterno (santuário em Trindade/GO) e inserida em comunidades católicas. Concluem as autoras que “**A** encontra, nas suas crenças, orientação, força e motivação no processo de refazimento de sua vida após a violência” (p. 93).

Também partem da realidade brasileira, a partir de relatos de violência e estatísticas, os autores do próximo artigo, Rudolf von Sinner (Faculdades EST/Pontifícia Universidade Católica do Paraná) e Euler Renato Westphal (Faculdade Luterana de Teologia/Univille), sob o título de **Violência letal, a falta de ressonância e o desafio do perdão no Brasil**. Procurando compreender a altíssima incidência de homicídios no Brasil e situações e posturas que a fomentem, resultando numa aparente “naturalidade” da matança, recorrem à teoria de ressonância do sociólogo alemão Hartmut Rosa, bem como a intérpretes da especificidade da sociedade brasileira como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Roberto DaMatta. Intuem os autores que há um conceito retributivo de justiça arraigada na população e reforçada nas igrejas cristãs que dá sustento à facilidade do matar. A esse contrapõem, em recurso a Jürgen Moltmann e Hannah Arendt, um conceito restaurativo e transformador de justiça que possibilite o perdão e a reconciliação.

O artigo seguinte, da autoria de Luiz Alexandre Solano Rossi (Pontifícia Universidade Católica do Paraná), trata de um **Catálogo de violência e a desumanização dos pobres no Antigo Testamento**. Defende que o Antigo Testamento, assim como o Novo, em absoluto condena a violência. Essa é entendida, a partir de um catálogo de substantivos e verbos relativos à violência, principalmente como opressão e exclusão, como “rainha das produtoras de vítimas” (p. 116). Na Escritura, a violência contra os pobres não é divinizada ou naturalizada, muito menos se configura como doutrina teológica. Pelo contrário, argumenta Rossi, principalmente nos profetas se denuncia a pobreza como escândalo que não pode ser tolerado, resultado de violência e injustiça.

O texto de David Tombs (Universidade de Otago em Dunedin, Nova Zelândia) trata de **Crucificação e abuso sexual**. Faz uma leitura da crucificação de Jesus a partir de experiências de torturados durante os regimes autoritários na América Latina nos anos 1970 e 1980, os quais foram, rotineiramente, expostos à humilhação e ao abuso sexuais. Embora os evangelhos silenciem sobre tais aspectos, é muito provável que Jesus tenha sido crucificado totalmente despido, configurando-se a humilhação sexual. Já um eventual abuso sexual teria, se tiver sido o caso, ocorrido num espaço reservado no meio dos soldados romanos. Na visão do autor, essa interpretação desconcertante é capaz de demonstrar a solidariedade de Deus para com as vítimas de tais atos ao longo da história, além de dignificá-las.

Alease Brown (Universidade do Cabo Ocidental, Belville, África do Sul) contribui, em língua inglesa, com um artigo sobre **Martírio, violência e dignidade**. Com base especialmente em Candida R. Moss, desenvolve uma releitura do martírio, enxergando-o como imitação do martírio do Cristo, visível, por exemplo, na narrativa do discurso e da morte de Estêvão (Atos 7), moldurado à semelhança da morte de Cristo. O Evangelho de Lucas, por sua vez, estaria menos interessado na violência sofrida por Jesus Cristo do que na afirmação do seu sentido de *self*, de autoempoderamento, resgatando sua dignidade contra os constantes tentativas – essas, sim, enfatizadas no relato de Lucas – de infligir vergonha e desonra sobre Jesus. Mais relevante do que violência vs. amor aos inimigos seria, portanto, o binômio honra/vergonha, fortemente inscrito na cultura greco-romana da Antiguidade. Conclui a autora que “os mártires atuam violentamente em transgressão à autoridade na busca de seus *selves* autênticos, honrados, dignificados”.

O último texto do dossiê, da autoria de Jefferson Zeferino (Pontifícia Universidade Católica do Paraná), sob título de **A construção de pequenos espaços de cuidado e gratuidade como resistência às violências: uma relação entre pastoral e teologia da cidadania** insiste na importância da memória do sofrimento, entre anúncio e denúncia, com conotação pastoral e profética, visando ao cuidado no meio de uma realidade de violência. A dialética entre violência e cuidado é introduzida a partir da narrativa de um relacionamento carinhoso e de cuidado num pequeno espaço do cotidiano, brutalmente interrompido pela violência, entre uma mãe e seu filho na favela, conforme formulação de J. Carrascoza. Embasa-se o autor, quanto à memória, em Paul Ricœur, e quanto a uma pastoral da cidadania em Clóvis Pinto de Castro, Evaldo Luís Pauly e Alonso Gonçalves, ressaltando seu aspecto público enquanto assunto da teologia e critério de sua formulação.

A seção **Teologia e Interdisciplinaridade** é aberta pelo biblista José Adriano Filho (Faculdade Unida de Vitória) com um artigo intitulado **“Como está escrito”: releitura de LXX Isaías 29.14b e LXX Jeremias 9.22-23 em 1 Coríntios 1.18-31**. Argumenta o autor que a citação da então existente Escritura por Paulo sob título de “como está escrito” significa não apenas uma comprovação, mas também uma ressignificação. Concretamente, as duas citações indicam que Deus destrói, por meio da “loucura” da mensagem da cruz de Cristo, a sabedoria “deste mundo” e escolhe “os que nada são”. Se há algo como gloriar-se, não deve ser o status próprio, baseado em sabedoria, poder ou riqueza, mas deve haver um gloriar-se “no Senhor” (1Co 1.31), tendo o Cristo como fundamento. É essa perspectiva que permite formar uma comunidade unida no meio das facções existentes em Corinto.

Permanecemos na exegese e hermenêutica também no próximo artigo, da autoria de Kenner Roger Cazotto Terra (Faculdade Unida de Vitória), sobre **Ficção e construção de identidade nos Atos Apócrifos dos Apóstolos**. O autor se depara com a leitura e interpretação ainda tímida, no Brasil, dos Atos Apócrifos dos Apóstolos. Cita várias delas, mais extensamente as de Paulo e Tecla. Defende que são fontes muito ricas, cuja consulta precisa superar o “preconceito canônico”, pois demonstram aspectos da vida, crença, memória e percepção de mundo e de si próprio no ambiente greco-romano das comunidades cristãs das origens. Evidenciam a construção de identidade, por exemplo, pela rejeição ao sexo e ao casamento, distinguindo-se da estrutura social ao seu redor. Ao construir seus heróis e suas heroínas, tais Atos transgridem a delimitação entre realidade e ficção. Assim, narra-se como Tecla teria dominado as bestas que deveriam tê-la devorado, tornando o mundo um “palco de forças”, humanas e divinas.

Também biblista, Sidney de Moraes Sanches (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia) trata da **Oralidade no Evangelho de Marcos**. Referência o historiador e antropólogo belga Jan Vansina e os biblistas Werner Kelber e James Dunn quanto à valorização da tradição oral nos sinóticos e especialmente no Evangelho de Marcos, apresentando, entre outros, um esquema de “execução oral” nos relatos de cura e de polarização. Há, segundo o autor, um privilegiamento do gênero narrativo. Mesmo onde já existia um texto, esse foi lido em voz alta e, dessa forma, transmitido em *performance* oral (Joanna Dewey). O estilo oral também seria sinal do público pouco letrado a quem Marcos se dirigia (Richard Horsley). Como exemplo, Sanches apresenta o texto de Marcos 5.24-34 e paralelos em Mateus e Lucas, sobre a cura da mulher com hemorragias. Considera as distinções como marcas da oralidade e não de trabalho textual-redacional.

Numa abordagem de cunho teológico-sistemático, Carlos Ribeiro Caldas Filho (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) discursa sobre **O Espírito Santo na tradição protestante: perspectivas a partir da teologia reformada**. Apesar da teologia cristã ser, como afirma o autor, trinitária desde seus primórdios, houve um esquecimento do Espírito na teologia, tornando-se esse até a “Cinderela da teologia”, provavelmente devido à imprevisibilidade e liberdade absolutas do Espírito que não podem ser controladas. Para Calvino, na esteira de Lutero, a principal e imprescindível atuação do Espírito está na apreensão da fé pela pessoa crente, sendo que o

Espírito funciona como “selo” da certeza das promessas de Deus e como *testimonium internum* que propicia a compreensão da Escritura. Hendrikus Berkhof, de forma ecumênica e com implicações sociais, desenvolveu esse pensamento com ênfase no Espírito como “primeiro sinal”, numa escatologia realizada. Já Jürgen Moltmann a desenvolve em relação especialmente à criação e à vida, numa “pneumatologia integral”. O autor, ainda, vislumbra possibilidades de, a partir de sua dimensão cósmica, desenvolver uma teologia pública.

Situado na área da teologia prática, o artigo de João Henrique Stumpf e Nilton Eliseu Herbes (Faculdades EST) trata de **O cuidado diante das injustiças: uma análise sobre a práxis da poimênica e do aconselhamento pastoral na relação com o contexto latino-americano**. O artigo propõe-se a verificar a prática da poimênica no Brasil quanto à sua fundamentação e orientação. Para tanto, analisa literatura de e sobre a Igreja Católica Apostólica Romana, o protestantismo de imigração (principalmente a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), o protestantismo de missão, o pentecostalismo e o neopentecostalismo. Consta que se evidencia, de modo geral, uma tendência individualista e reducionista, incapaz de dialogar com o contexto social, político, religioso e cultural, e de identificar as raízes estruturais do sofrimento que gera a necessidade de aconselhamento. Identifica como desafio “a construção de uma poimênica que se articule [...] entre o consolo e a denúncia profética” (p. 240).

O último texto desta edição, da autoria de Vanessa Roberta Massambani Ruthes e de Mary Rute Gomes Esperandio (Pontifícia Universidade Católica do Paraná), depara-se com o **Cuidado espiritual e a busca da integralidade do ser humano: reflexões a partir da teologia de Dietrich Bonhoeffer**. Embora o conceito de cuidado espiritual já esteja bastante conhecido e amplamente utilizado, permanece a necessidade de uma compreensão mais clara do seu significado. Para tanto, as autoras recorrem a Bonhoeffer, especialmente à sua interpretação não religiosa da fé cristã num mundo que se tornou adulto, concebendo um cristianismo que precisa ser vivido no mundo e não fora dele, “na responsabilidade, na participação e na solidariedade” (citado na p. 248). Espiritualidade e existência são profundamente integradas. No contexto da enfermidade, sentido e esperança, destacadas por Bonhoeffer, se tornam fundamentais.

Encerro este editorial dizendo que a presente edição é a quinta e última sob a minha responsabilidade. Aceitei um chamado para a Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba, após 16 anos de atuação na Faculdades EST. Passo o cargo de editor-chefe de volta ao colega Júlio César Adam, professor de Teologia Prática e pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da Faculdades EST, que já foi editor-chefe de 2015-2016. Juntamente com os editores associados Iuri Andréas Reblin e Marcelo Ramos Saldanha, dará continuidade aos destinos da revista Estudos Teológicos. Desejo todo êxito a essa equipe. Agradeço pela confiança em mim depositada pela instituição e as ótimas interações que pude ter nesses dois anos e meio com o conselho editorial, equipe editorial (especialmente Iuri Andréas Reblin), Editora Sinodal, autoras e autores e pareceristas. É um grande privilégio poder estar no pulso do que se pesquisa, pensa e escreve na área da Teologia e afins.